

**PRÁTICAS COTIDIANAS NA CRIAÇÃO E MANUTENÇÃO DE PEQUENOS  
NEGÓCIOS EM MATOZINHOS/MG**  
*EVERYDAY PRACTICES IN CREATING AND MAINTAINING SMALL  
BUSINESSES IN MATOZINHOS/MG*

*Gabriel Farias Alves Correia<sup>1</sup>*

*Chiara Gomes Costanzi<sup>2</sup>*

*Alexandre de Pádua Carrieri<sup>3</sup>*

**Resumo**

O objetivo desse artigo é analisar as táticas e estratégias cotidianas na criação e manutenção de pequenos negócios no bairro Bom Jesus, em Matozinhos, Minas Gerais. A partir da concepção de que é no cotidiano que os sujeitos realizam e interagem com diversos modos de fazer, realizamos um estudo qualitativo a partir de onze entrevistas semiestruturadas, complementadas pelas técnicas de observação não participante e das anotações de nosso diário de campo. Os dados foram analisados a partir da técnica de Análise Linguística do Discurso, permitindo que fatores linguísticos e sócio-históricos sejam destacados e interconectados, tornando os textos como objetos (Souza & Carrieri, 2014). A discussão envolve as dinâmicas cotidianas que ocorrem em pequenos negócios à margem de grandes centros, como Matozinhos está à margem da cidade de Belo Horizonte. O estudo se torna relevante por expandir a compreensão dos diversos saberes que compõem o universo da Administração. Por isso, fomenta a ruptura com saberes hegemônicos para sobrelevar as infinitas possibilidades de criar, inventar, reinventar, estabelecer e restabelecer incompatibilidades que fogem do planejamento organizacional. Os resultados sugerem a influência de vínculos afetivos e a inexistência de planejamento formal na criação dos negócios além do apego ao interdiscurso da união afetiva para manutenção destes. Por fim, o estudo contribui para os estudos relacionados ao cotidiano da gestão, auxiliando no protagonismo de saberes locais e heterogêneos. Além disso, o estudo propicia reflexionar sobre as ações de sujeitos práticos, que produzem conhecimentos marginalizados que fogem de concepções legitimadas pelos estudos do *mainstream* da Administração.

**Palavras-chave:** Cotidiano; Práticas Cotidianas; Pequenos Negócios; Matozinhos.

**Abstract**

The purpose of this article is to analyze the daily tactics and strategies in the creation and maintenance of small businesses in the Bom Jesus neighborhood, in Matozinhos, Minas Gerais. From the conception that it is in everyday life that the subjects perform and interact with different ways of doing, we conducted a qualitative study based on eleven semi-structured interviews, complemented by non-participant observation techniques and notes from our field diary. Data were analyzed using the Discourse Linguistic Analysis technique, allowing linguistic and socio-historical factors to be highlighted and interconnected, making texts as objects (Souza & Carrieri, 2014). The discussion involves the daily dynamics that occur in small businesses on the fringes of large centers, as Matozinhos is on the outskirts of the city of Belo Horizonte. The study becomes relevant for expanding the understanding of the various knowledge that makes up the universe of Administration. Therefore, it promotes the break with hegemonic knowledge to raise the infinite possibilities of creating, inventing, reinventing, establishing and reestablishing incompatibilities that are beyond organizational planning. The results suggest the influence of affective bonds and the lack of formal planning in the creation of business beyond the attachment to the intercourse of affective union to maintain them. Finally, the study contributes to the studies related to the daily management, helping in the protagonism of local and heterogeneous knowledge. Also, the study reflects the actions of practical subjects, who produce marginalized knowledge that evades conceptions legitimized by mainstream studies of management.

**Keywords:** Daily; Daily Practices; Small Business; Matozinhos.

1 Mestrando em Administração (CEPEAD/UFMG) e pesquisador do NEOS – Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Ciências Econômicas.

E-mail: [correiafga@gmail.com](mailto:correiafga@gmail.com)

2 Pesquisadora do NEOS – Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Ciências Econômicas.

E-mail: [chiaragcostanzi@hotmail.com](mailto:chiaragcostanzi@hotmail.com)

3 Professor titular. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Ciências Econômicas (FACE/UFMG) e Coordenador do NEOS – Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade.

E-mail: [alexandre@face.ufmg.br](mailto:alexandre@face.ufmg.br)

## 1 Introdução

O objetivo deste trabalho é analisar as táticas e estratégias cotidianas a partir da perspectiva de Certeau (1998) para criação e manutenção de pequenos negócios no Bairro Bom Jesus, localizado na cidade de Matozinhos, Minas Gerais. A compreensão das dinâmicas cotidianas em cidades à margem de uma capital, nesse caso de Belo Horizonte, perpassa pela discussão sobre saberes locais, fugindo da concepção homogênea do administrar (Joaquim & Carrieri, 2018; Wanderley & Barros, 2018). Assim, estudar os negócios de um município que era considerado como “cidade-dormitório” é pertinente para ampliarmos as percepções das cidades não mais como simples dormitórios, mas como centros de emprego, consumo, gestão, cultura, lazer e socialização (Ojima et al., 2010).

Partimos da perspectiva de que o cotidiano (nas cidades, dos negócios) é o lugar que permite a realização e a interação dos diversos modos de fazer, indo de encontro às concepções homogeneizantes. Esse ponto de vista possibilita a emergência de diversas maneiras de agir, participar e alterar o espaço de organização social que os sujeitos se inserem. Deste modo, compreendemos nesse trabalho o cotidiano como ordinário que foca em histórias comuns, distanciando da concepção das grandes narrativas, dos grandes sujeitos e dos grandes acontecimentos (Certeau, 1998; Barros & Carrieri, 2015; Carrieri et al., 2016; Costa & Silva, 2019).

Bittencourt (2012), assim como Rodrigues, Cassandre e Ichikawa (2017) e Gouvêa, Cabana e Ichikawa (2018) afirmam que Certeau se atenta para as práticas cotidianas, dos homens comuns e reconhece as diversas possibilidades em movimentos ágeis, invisíveis e silenciosos no terreno do poder estabelecido, sendo as imposições suscetíveis às recusas. Os mesmos autores reconhecem as existências de “jogos de cintura”, de práticas que se disfarçam por meio de micropáticas silenciosas que permitem microliberdades, a sobrevivência e a resistência dos sujeitos. Além disso, as condições impostas são confrontadas às imposições de um sistema econômico-social, seguindo a lógica de camuflagem, que faz surgir condições astuciosas de lidar com o cotidiano.

Esse trabalho segue a perspectiva desenvolvida por Bittencourt (2012) quando a autora trata em inventividades que possibilitam considerar as massas não tão obedientes e passivas. Nessa perspectiva, fugimos de um olhar racional-instrumental para evidenciarmos o que há de ordinário nas práticas cotidianas. Os sujeitos procuram a melhor forma de viver tendo em vista as injustiças e violências existentes na ordem social. Posto isso, consideramos os modos inventivos e criativos no surgimento e na manutenção de pequenos negócios na cidade

destacada, distanciando do padrão de planejamento que os estudos de gestão (Barros & Carrieri, 2015) buscam sobrepor a todo tempo. Diferente disso, buscamos realçar as práticas comuns que possibilitam esses sujeitos a sobrevivência (Santos & Carrieri, 2018).

O bairro em Certeau (1998) é um local que possibilita a frequente reinvenção dos espaços. O espaço, sendo dinâmico, é tratado como lugar praticado, intenso por transformações a partir dos que nele permanecem e trafegam. E assim, o bairro é tratado por nós como diverso, composto por inúmeras impermanências dos que o compõe, de tal maneira que é necessário considerarmos as interações invisíveis dos que o habitam, o vivem e o produzem. Consideramos que é nesses locais e nessas práticas invisíveis que a cidade se reestabelece, se reinventa de acordo com as constantes rejeições, astúcias de transformar o que é imposto, possibilitando a resistência (Bretas & Carrieri, 2017).

Para que o objetivo proposto seja alcançado, encetamos de uma abordagem qualitativa de pesquisa, na qual realizamos onze entrevistas semiestruturadas com pelo menos dois membros de cinco negócios existentes no bairro supracitado, que correspondem uma amostra dos negócios existentes na região, sendo eles: uma academia, papelaria, loja de rações, pequena mercearia e uma sorveteria. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, complementadas pela observação não participante e as anotações de diário de campo e, posteriormente, analisados utilizando a técnica de Análise Linguística do Discurso (ALD). Os resultados sugerem a influência de vínculos afetivos e a inexistência de planejamento formal na criação além do apego ao interdiscurso da união afetiva para manutenção dos negócios.

Por conseguinte, esse estudo após essa introdução se divide em quatro segmentos. No primeiro, apresentamos o aporte teórico relacionado ao tema de cotidiano, suas táticas, estratégias, artes e fazer e o bairro e, logo em seguida, expomos nossos caminhos metodológicos. No terceiro momento, analisamos e discutimos os resultados e, por fim, apresentamos nossas considerações finais e sugestões de trabalhos futuros.

## **2 Cotidiano: táticas, estratégias, artes de fazer, o espaço e o bairro**

A perspectiva de cotidiano é estudada na Administração com base nas contribuições de Certeau (1998) sobre as “artes de fazer”. Para o filósofo, as trajetórias que os indivíduos estabelecem no cotidiano para sobreviver, aparentemente desprovidas de sentido, são cheias de mobilizações de saberes que contribuem para a própria manutenção das dinâmicas da cotidianidade.

Para Certeau (1998) estudar o cotidiano é enfatizar as ações dos sujeitos, bem como suas criatividades e as maneiras de apropriação do real que emergem das múltiplas interações. A valorização das ações que são produzidas no cotidiano por uma infinidade de indivíduos permite uma reação à história única (ou a grande história), visto que normalmente o dia a dia é uma esfera considerada como banal na narrativa histórica hegemônica (Del Priore, 1997; Carrieri et al., 2016; Joaquim & Carrieri, 2018; Wanderley & Barros, 2018; Costa & Silva, 2019). O estudo do cotidiano permite, além disso, identificar como as grandes estruturas impactam as ações cotidianas das pessoas e também como essas pessoas se valem de pequenas astúcias para resistir à dominação das estruturas e até mesmo provocar transformações de maneira astuciosa e silenciosa (Certeau, 1998; Gouvêa et al., 2018; Wanderley & Barros, 2018).

Apesar do imaginário popular considerar o cotidiano com um repetir-se de regras e práticas diárias, ele é mutável e construído a partir das próprias ações invisíveis dos sujeitos. Nesse sentido, ele não pode ser considerado como fixo, mas como algo construído e reconstruído constantemente (Barros & Carrieri, 2015; Cabana & Ichikawa, 2017; Rodrigues et al., 2017; Marins & Ipiranga, 2017; Gouvêa et al., 2018). Os atores sociais que se envolvem nessa construção são atravessados por formas de existir completamente diferentes umas das outras, de acordo com os contextos em que estão inseridos na estrutura social de determinada sociedade. Nesse sentido, seus próprios ambientes também são alterados com o passar do tempo, mesmo que em medidas diferentes.

O cotidiano é uma instância de análise fundamental, por ser a partir dele que a realidade se constrói. Em pesquisas nessa abordagem, Barros e Carrieri (2015), Carrieri, Perdigão e Martins (2018), Gouvêa et al. (2018) e Wanderley e Barros (2018) apontam que o olhar do pesquisador em Administração que se propõe a realizar esse tipo de resgate de saberes e práticas deve ser constantemente trabalhado no sentido de perceber as complexidades da realidade. É fundamental nestas pesquisas uma abordagem crítica àquilo que socialmente é considerado e valorizado como gestão e aos conhecimentos hegemônicos do campo da Administração, pois podem, se abordados sem cuidado, reproduzir a visão hegemônica com as quais buscam romper (Barros & Carrieri, 2015; Wanderley & Barros, 2018).

As práticas comuns que constituem as artes de fazer mobilizadas cotidianamente se relacionam tanto com as táticas quanto com as estratégias. Essas mobilizações são feitas constantemente pelos sujeitos ao atuarem socialmente, não necessariamente de modo

consciente, mas nas suas práticas de existir no mundo. É primordial ponderar também que as ações desses indivíduos não podem ser consideradas como desassociadas das relações de poder dentro das quais se inserem. Por isso, as táticas e estratégias se relacionam também com a resistência e o poder (Certeau, 1998; Bretas & Carrieri, 2017).

Se considerarmos que cada indivíduo ocupa um determinado lugar de poder dentro da sociedade, compreendemos que também estão inseridos em relações simbólicas e que estabelecem relações hierárquicas em relação uns aos outros. A partir dessa localização na estrutura social, os indivíduos exercem e são afetados pelas dinâmicas de poder, que são relacionais. Essas relações são mantidas durante as ações cotidianas, a partir de estratégias disponíveis aos sujeitos para que possam exercer o poder sobre os demais e assim, estabelecer um lugar próprio para dentro da estrutura social. Por conseguinte, as estratégias permitem que os sujeitos postulem lugares próprios, de onde exercerão poder sobre os outros (Certeau, 1998; Cabana & Ichikawa, 2017; Carrieri et al., 2018; Gouvêa et al., 2018).

Por outro lado, as táticas não se relacionam ao lugar de poder ocupado, mas acontecem no espaço controlado pelo outro. São golpes, maneiras de aproveitar a ocasião, atos que ocorrem, determinados pela ausência de um próprio (Gouvêa & Ichikawa, 2015; Cabana & Ichikawa, 2017; Marins & Ipiranga, 2017). Ao perceberem uma oportunidade, os indivíduos operam verdadeiras manobras, para aproveitá-las. Nesse sentido, as táticas se relacionam com a astúcia popular, com a inteligência cotidiana (Carrieri, Perdigão & Aguiar, 2014; Cabana & Ichikawa, 2017; Carrieri et al., 2018; Gouvêa et al., 2018). É desenvolvida, nesse sentido, uma habilidade de manobrar entre conjunturas. Além disso, como colocam os mesmos autores, as táticas se relacionam constantemente com as estratégias, e juntas, elas compõem as práticas cotidianas.

Para Certeau (1998) todos os dias o cotidiano é reinventado, não sendo uma reprodução de gestos mecânicos. As ações dos sujeitos, suas estratégias e táticas, por serem inéditas, representam um desafio ao poder estabelecido. Nesse contexto, é uma perspectiva utilizada para trabalhar com membros da gestão ordinária por possibilitar apreensão de modos de sobrevivência por meio das quais se organizam e mobilizam suas táticas e estratégias (Barros & Carrieri, 2015; Bretas & Carrieri, 2017; Carrieri et al., 2018; Gouvêa et al., 2018).

É interessante observar também o papel que assume o discurso dentro das práticas cotidianas. Conforme afirma, Cantoral-Cantoral (2016, p.79), “tendências do discurso, como parte do processo de restituição de postulados para ressignificar ou reorientar as práticas cotidianas, são estratégias que podem ser usadas para resolver situações de crise, conflitos,

contradições ou ambivalência”. O discurso é então uma ferramenta dos sujeitos para que possam operar suas práticas e estratégias, podendo ser verbais ou não verbais.

Nesse sentido, o discurso pode se inserir na perspectiva de Certeau (1998) sobre o ato de enunciação como um percurso, na medida em que é o meio pelo qual os indivíduos se relacionam nos espaços do mundo social. Percebemos então que para o autor, cotidiano e espaço estão relacionados. Existe para ele, porém, outra categoria que se relaciona com o espaço, que é a de lugar. Para o autor, lugar seria a ordem pela qual os elementos se distribuem nas relações de coexistência. Nesse sentido, lugar seria a forma como configuram suas posições, enquanto espaço seria: “um lugar praticado” (Certeau, 1998, p. 202). Espaço se faz no movimento, a partir da dimensão tempo associada ao lugar, é um cruzamento de móveis.

É no espaço que os significados socialmente compartilhados nos quais as relações sociais se baseiam são construídos e ressignificados. As relações sociais fornecem a base para uma construção simbólica também do próprio espaço sobre as quais se baseiam, por partirem de uma interação constante dos indivíduos com eles mesmos e com os demais. A conjuntura que esse espaço, físico e simbólico, será ocupado será definida por essa relação dialética de espaço com cotidiano (Araújo et al., 2017).

Uma das possibilidades para apreender a complexidade de significados que essas realidades apresentam, é por meio da própria experimentação de uma realidade empírica pelos pesquisadores. Nesse sentido, eles vão até o espaço e observam como se estabelecem essas relações dialógicas dos sujeitos no cotidiano. Essa é a imagem evocada por Benjamin (1987), ao falar da possibilidade de se realizar um *flâneur*, ou seja, um exercício de caminhar pela cidade experimentando as impressões que os espaços urbanos suscitam. É uma tentativa de compreender as narrativas da vida urbana e decifrar suas razões de ser. A partir dessas andanças os pesquisadores podem experimentar os seus objetos de investigação e o que é a cidade em suas narrativas históricas construídas no cotidiano (Massagli, 2008).

Nessa experimentação cotidiana do espaço, um olhar desatento pode não apreender a complexidade de interação entre os sujeitos. Mas, a partir do momento em que os pesquisadores saem para experimentar a cidade, eles se distanciam também das relações estratégicas que com ela estabelecem cotidianamente. Isso é possível pois os pesquisadores, nessa perspectiva, não buscam uma neutralidade em relação ao seu objeto, mas pretendem compreendê-lo nas mais amplas possibilidades de sua particularidade. No caso dos espaços da cidade, eles se propõem a experimentá-la, não em busca de um significado que é homogêneo

ou linear, mas de construir um mosaico de significações, que terá tantas possibilidades quanto indivíduos que se relacionam com ela (Araújo et al., 2017).

Os sujeitos, ao experimentarem esses espaços, criam significados comuns entre si. Nesse sentido, podem compartilhar experiências formadas em um mesmo espaço. Se deslocarmos nossa atenção das cidades para os bairros, essas reuniões de experiências comuns construídas dentro de um mesmo espaço são ainda mais perceptíveis. O bairro, nesse sentido é um espaço que permite constante ressignificação por parte dos seus praticantes. O movimento causado pelo fluxo de pessoas, de comércio, de pedestres que vão e vêm em seu espaço é aspecto fundamental para que se construa um significado compartilhado pelos indivíduos que ali se relacionam. Os que ali transitam, praticam o lugar, o transformam em espaço na definição de Certeau (1998).

Podemos perceber que o bairro, nesse sentido, é composto também por objetos estáveis, mas que no cotidiano, sofrem pequenas alterações. É na interação com esses objetos que os sujeitos históricos realizam operações sobre eles, fazendo com que o espaço se diversifique a cada dia e nunca seja igual ao anterior. Os pesquisadores devem estar abertos então às múltiplas modalidades de existência e de vir a ser. As visões que buscam delimitar a cidade como homogênea e ordenada não possuem consistência em um ponto de vista que parte do cotidiano, exatamente porque ele acontece nas micropráticas, numa relação dinâmica dos espaços com as práticas estratégicas e táticas dos indivíduos. Ainda, o bairro seria uma instância menor em relação a cidade, que possibilitaria, a partir da reunião de diversas dinâmicas locais, recriar a cidade a partir de desvios e astúcias que não rompem com a ordem, mas que são capazes de alterá-la. É no cotidiano que indivíduos criam identificações entre si e uma memória coletiva dos bairros. Essa história é indispensável para pensar as práticas que os atores empenham no espaço da cidade (Certeau, 1998; Barros & Carrieri, 2015; Carrieri et al., 2016; Marins & Ipiranga, 2017; Costa & Silva, 2019).

É interessante pensar como a multiplicidade de relações que são estabelecidas no cotidiano formam vários fragmentos de formulações e de experiências, que darão sentido para os sujeitos sobre a totalidade do mundo. Esses novos olhares são construídos nas astúcias cotidianas e irão simultaneamente, na relação dialógica que se estabelece com o mundo, alterá-lo (Certeau, 1998). É com essas bases teóricas, que partimos para a análise da criação e manutenção de pequenos negócios no Bairro Bom Jesus, em Matozinhos.

### 3 Percorso Metodológico

Para que pudéssemos desenvolver o objetivo de analisar as táticas e estratégias cotidianas para criação e manutenção de pequenos negócios no Bairro Bom Jesus em Matozinhos, Minas gerais, a partir da perspectiva de Certeau (1998), a abordagem qualitativa se mostrou mais adequada. Seguimos a proposta de Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005), já que ela nos ampara na adoção de uma posição reflexiva quanto aos princípios metodológicos que se distanciam das práticas instrumentais na formulação da pesquisa. Ademais, adotamos essa perspectiva pois ela nos permite lidar com a realidade que não pode (nem deve) ser quantificada (Minayo, 2009). Destacamos, dessarte, o traço construtivo e interpretativo do conhecimento.

O bairro Bom Jesus, na cidade de Matozinhos, foi selecionado tendo em vista a diversidade e concentração de pequenas empresas, representando de certa forma os negócios existentes na cidade. Para tanto, partimos da prefeitura para mapearmos as principais empresas da região e verificamos a proeminência das atividades comerciais, despertando nosso interesse para compreensão desta característica. Orientados pelo órgão de administração municipal, percorremos a cidade anotando os pequenos negócios comerciais existentes nos dez principais bairros, com exceção do centro, já que ele naturalmente é um local que reúne os principais comércios do município. Nesse sentido, escolhemos o bairro de Bom Jesus por representar e concentrar a variedade de pequenos negócios encontrados em todos os outros bairros pesquisados. Assim, encontramos: lojas de roupas, de auto peças, de eletrônicos, de bebidas, de ração, de gás, de materiais de construção, além de papelarias, pequenos mercados, bares, restaurantes e academias. No primeiro momento, realizamos *in loco*, abordagens de conhecimento. Nosso interesse seria constatar negócios em que um ou mais membros da mesma família trabalhassem, o que fez que chegássemos a treze estabelecimentos no universo de vinte e cinco existentes. Ao abordarmos os trabalhadores, a pesquisa era explanada e eles convidados a participar. Desses treze locais, tivemos em nove o aceite para realização da pesquisa, sendo que em cinco pelo menos dois membros da mesma família concordaram com a participação, sendo eles: uma academia, uma papelaria, uma loja de rações, uma pequena mercearia e uma sorveteria.

Para coleta de dados, optamos por realizar entrevistas semiestruturadas já que para Thiollent (1987), essa técnica permite que os pesquisadores se aproximem do ambiente do universo cultural daqueles que pretendem pesquisar. Realizamos onze entrevistas semiestruturadas no mês de setembro de 2017, com duração média de quarenta minutos no



local de trabalho de cada entrevistado. Os temas abordados foram as histórias e trajetórias dos entrevistados, o surgimento dos negócios, o cotidiano das atividades, as dificuldades encontradas, as mudanças, a gestão, a tomada de decisão e os principais desafios na manutenção. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas. Para preservação das identidades dos entrevistados e de seus respectivos locais de trabalho, atribuímos aleatoriamente letras e números, optando por “E1” para entrevistado 1, “E2” para entrevistado 2 etc. e por “negócio A”, “negócio B” etc.

A coleta de dados ainda contou com o uso da técnica de observação não participante que possibilita, para Marietto (2018), que o pesquisador não participe de nenhum modo do contexto social do grupo pesquisado. Por conseguinte, também recorreremos ao uso das anotações de diário de campo, que para Zaccarelli e Godoy (2010) possibilitam registrar apontamentos que os pesquisadores consideram relevantes, como reações, interações, impressões, sentimentos e atividades.

Construído o *corpus* da pesquisa utilizamos a técnica de Análise Linguística do Discurso (ALD) para análise dos dados, sendo usada constantemente nos Estudos Organizacionais (Alvesson & Kärreman, 2011), tendo em vista que permite que fatores linguísticos e sócio-históricos possam ser destacados e interconectados, tornando os textos como objetos (Souza & Carrieri, 2014). Além disso, os autores afirmam que a associação entre pesquisa qualitativa e Análise Linguística do Discurso possibilita melhor compreensão da realidade social e dos conflitos ideológicos, dado que apresenta maior nitidez ao entrevistador.

As etapas de análise do discurso foram aqui utilizadas com base nas contribuições de Faria e Linhares (1993), adaptadas por autores como Honorato e Saraiva (2017), permitindo a análise das estratégias de persuasão ideológicas. À vista disso, realizamos a análise dos dados com base em seis estratégias discursivas, sendo elas: 1) as condições sociais de produção dos discursos; 2) os aspectos lexicais que apontam personagens, implícitos, explícitos e silenciados; 3) os temas e figuras explícitos ou implícitos; 4) os percursos semânticos estruturados a partir dos temas e figuras; 5) os aspectos interdiscursivos; 6) os aspectos refletidos e refratados

Com a análise, despontaram quatro percursos semânticos: a família como braço da exploração nos negócios; as táticas e estratégias cotidianas; os diversos inícios nos/dos negócios e os conflitos na manutenção dos negócios. Para fins deste artigo, debruçamo-nos sobre os dois últimos.

## 4 Análise dos Resultados

### 4.1 Os diversos inícios nos/dos negócios

As histórias a seguir tratam da inserção dos sujeitos nos negócios já existentes e o processo de táticas e estratégias cotidianas que resultaram nas respectivas criações.

(01) Meu marido quando eu conheci ele, ele já tinha [o negócio A]. Ele queria fechar e como a gente estava junto ele me perguntou se eu queria continuar, se eu tomava conta. Eu fui e optei por manter aberto e a partir desse momento eu comecei a tomar todas as providências. Eu que administro, faço compras e tal. Não é uma coisa que eu gosto, eu não gosto dessa área (E1).

(02) Fiquei doze anos trabalhando em São Paulo trabalhava numa multinacional e morava com a família. E meus parentes todos moram em Matozinhos e nisso vi uma oportunidade lá de comprar um [negócio B] e como eu tenho casa aqui aí resolvi montar [o negócio B] aqui em Matozinhos. E continuei trabalhando em São Paulo e deixei [a] [esposa] aqui, que ficava aqui tomando conta [do negócio C] (E3).

(03) Eu sempre trabalhei em comércio que era do meu irmão. [...] eu fiz faculdade tranquei no quarto período porque não gostei, aí montei aqui uma sorveteria em Matozinhos e depois acho que [tem] seis anos, aí [eu mudei de comércio] e tornou [o negócio B] (E5).

Nos trechos destacados, o percurso semântico utiliza o tempo verbal do passado. Surgem como personagens nas análises lexicais os membros das famílias, as cidades, os comércios, deixando explícito como os laços afetivos influenciaram nesse processo. A entrada no negócio A, para a entrevistada 01, ocorreu por meio do casamento. No trecho está explícito que o vínculo afetivo com o marido, que aparece como personagem, foi a condição necessária para início no negócio. Apesar da entrevistada dizer que foi questionada se gostaria de continuar exercendo a atividade comercial que estava prestes a ser finalizada, é silenciada a influência do marido, em termos patriarcais e mesmo financeira, na tomada dessa decisão.

O fragmento 02 abrange a abertura do negócio na cidade, a existência de familiares e da residência do entrevistado 03 na cidade, mesmo trabalhando em São Paulo. O fragmento deixa explícito que a decisão de criação do negócio C foi tomada por ele, como destacado no trecho “resolvi montar [o negócio C] aqui”. O uso da primeira pessoa do singular revela que a decisão é individual, silenciando por completo a esposa (entrevistada 04), que foi deixada na cidade cuidando do negócio (e da filha). A desconsideração da opinião da esposa na abertura do negócio pode ser caracterizada como uma estratégia do masculino nos termos de Certeau (1998), Cabana e Ichikawa (2017), Gouvêa et al. (2018) e Carrieri et al. (2018), já que visa o estabelecimento do próprio, manutenção do domínio e controle das relações patriarcais na família e na sociedade.

No fragmento 03, o personagem irmão é apresentado como provedor do negócio na qual a entrevistada trabalhou na infância, deixando implícito que este aprendizado permitiu que abandonasse a educação formal para a criação do próprio negócio. São silenciados os motivos que levaram a essa escolha, já que ela deixa explícito no trecho “eu fiz faculdade tranquei no quarto período porque não gostei”, mas não revela os acontecimentos que levaram ao abandono do curso.

(04) De repente surgiu a oportunidade [do entrevistado 3] comprar os aparelhos. Aí comprou os aparelhos, fez empréstimo, comprou os aparelhos, depois teve que vender meu carro para estar trazendo a gente [para Matozinhos]. E a gente sem dinheiro para estar abrindo o negócio. Aí depois surgiu uma oportunidade desse galpão aqui aí nós alugamos, mas até hoje com muita dificuldade porque isso aqui é um negócio que o que entra hoje só para manter né. Hoje eu falo que eu não vivo do [negócio B]. [Negócio B] trabalha para manter ele então eu tenho que trabalhar fora como agora eu trabalho de manhã [no negócio B] e vou trabalhar a tarde na lanchonete (E4).

No trecho 04, ao relatar sobre o negócio C, a entrevistada 04 sugere que a criação se deu por uma oportunidade de seu esposo, mas silencia o desejo de ser responsável pelo tipo de negócio pretendido por seu marido, o que reafirma sua exclusão na tomada de decisão já constatada no fragmento 02. A entrevistada utiliza o percurso semântico de dificuldade na criação de negócios, tendo como aspecto refletido o discurso do oportunismo como motivo da concretização do empreendimento, identificado pelo lexema “oportunidade”. Ainda aparecem os lexemas “comprar”, “empréstimo”, “vender” na composição lexical da entrevistada, sugerindo a realização de um processo financeiro que alterou a dinâmica familiar. Outro aspecto discursivo que compõe a alteração da dinâmica da família o tema do trabalho, explícito no fragmento “eu tenho que trabalhar fora” em que a entrevistada relata a dupla (ou tripla, já que cuida da filha) jornada de trabalho.

(05) O retorno [financeiro] é com o passar do tempo mesmo, mas [o negócio B] vai passar mesmo a me dar um retorno é quando minha esposa formar. Então, enquanto minha esposa não se formar cara, vai ser isso (E3).

O percurso semântico de retorno financeiro é explícito no trecho 05, quando o entrevistado reflete a necessidade de aguardar a restituição do investimento por meio da expressão “é com o passar do tempo mesmo”. O entrevistado ainda coloca que após a formatura no ensino superior da entrevistada 04, o retorno financeiro ocorrerá. O fragmento deixa implícito que esse retorno ocorrerá por meio da exploração da mão de obra da personagem “esposa”, tendo em vista que é usado o pronome oblíquo “me”, indicando que a consequência seria individual e não coletiva. Destarte, é silenciado o ganho que a esposa teria,

podendo ser a questão analisada de acordo com a perspectiva de Rodrigues et al. (2017), tendo em vista que o entrevistado 03 exerce seu poder sobre os outros, nesse caso, a esposa.

(06) Aí um certo dia, meu cunhado chegou com uma formazinha de plástico. E sempre antes, bem antes disso, eu observava menino vendendo [o produto] na rua. E aquilo ali vinha na mente de um dia mexer com [o produto]. Oh para você ver! Ai nesse dia meu cunhado chegou lá em casa com uma forma, aí eu pensei assim “engraçado sô! Eu vou tentar fazer um [produto] quem sabe eu consigo fazer um [produto] e conseguir cumprir o meu sonho” (E7).

(07) A vida da gente desde pequeno foi só trabalhar né, aí graças a Deus há uns seis anos atrás Deus me deu essa oportunidade. [Eu] estava com um dinheirinho na mão entendeu, eu resolvi começar para tentar a sorte, graças a Deus [...] (E10).

Com os trechos acima, é destacado o percurso semântico do acaso na abertura dos negócios. No trecho 06, o entrevistado utiliza a locução adverbial de tempo “um certo dia” para dar um caráter de incerteza, complementado com o uso do personagem “cunhado” e do pretérito perfeito do indicativo “chegou” para tornar explícito a influência na realização de sua ação posterior, ou seja, a fabricação de um produto para venda. No trecho destacado, o entrevistado silencia quais motivos levaram seu cunhado a fornecer o objeto necessário para fabricação do produto do negócio, atribuindo por meio da expressão “oh para você ver!” o espanto com o acontecimento. Nesse sentido, mesmo que sem conhecimento, pretendeu realizar a fabricação do produto com base na experiência, em uma espécie de tática, convergindo no colocado por Carrieri et al. (2014), Marins e Ipiranga (2017) e Carrieri et al. (2018) que as táticas são relacionadas com a inteligência cotidiana e as astúcias populares. Outro ponto importante e silenciado no discurso do entrevistado é que, mesmo que sua esposa tenha trabalhado desde o princípio na execução do projeto, ela não aparece como personagem na escolha semântica. Isso revela que, por mais que as práticas cotidianas sejam permeadas por táticas dos sujeitos de menor poder frente ao sistema imposto, eles também podem, ao mesmo tempo, ser colocados como sujeitos de poder em outras relações, adotando estratégias de manutenção do poder que está posto (Marins & Ipiranga, 2017).

O trecho 07 adota o tema do trabalho como estratégia discursiva para refletir as dificuldades na criação de negócios. Como ponto de inflexão, utiliza do interdiscurso da religião, utilizando o personagem “Deus” como preponderante na criação do negócio, silenciando sobre aspectos concretos da realização. O entrevistado utiliza a figura “dinheirinho” para refletir o discurso capitalista que possibilita a criação de negócios: o capital financeiro. Mesmo assim, o entrevistado utiliza da locução adverbial conjuntiva consecutiva “tentar a sorte” para demonstrar uma ação relacionada ao acaso, silenciando sobre

os fatores que levaram que a tomada de decisão, os possíveis sujeitos que auxiliaram nesse processo e os motivos que se apresentaram para necessidade de criação do próprio negócio.

É possível com isso estabelecermos uma relação dos trechos acima com a concepção defendida por autores como Del Priore (1997), Barros e Carrieri (2015), Carrieri et al. (2016), Wanderley e Barros (2018) e Costa e Silva (2019) sobre a busca pelo grande e pelo espetacular, em conjunto com a omissão dos acontecimentos habituais do cotidiano. Dessa forma, os acontecimentos comuns, as histórias “menores” e as tarefas rotineiras assim como as dificuldades são silenciados para exaltação dos acontecimentos grandiosos dos surgimentos dos negócios, como se fossem processos deslocados e divergentes.

#### **4.2 Os conflitos na manutenção dos negócios**

Outro aspecto que se tornou recorrente nos discursos dos entrevistados foram os conflitos, explícitos e implícitos, ocasionados pelo compartilhamento de membros da mesma família do local de trabalho. Estes, a partir da concepção de Carrieri et al. (2014), Barros e Carrieri (2015), Gouvêa e Ichikawa (2015), Marins e Ipiranga (2017), Carrieri et al. (2018) e Gouvêa et al. (2018), se revelam como estratégias cotidianas para manutenção dos pequenos negócios.

(08) Nós já tivemos muita dificuldade com isso, pensamentos diferentes. Então, pelo fato de ser família a gente costumava agir aqui como se tivesse em casa. Então nós já tivemos um problema, mas foi superado. A gente agora está mais acostumada a entender que aqui não é casa da gente, aqui é trabalho. Então tem que ser de uma maneira diferente, mas já tivemos problema com isso (E1).

No fragmento 08, é refletido o percurso semântico de que casa e trabalho não se misturam e ainda deixando explícito a existência de conflitos no uso dos lexemas “dificuldade”, “problema” e da expressão “pensamentos diferentes”. Apesar disso, a entrevistada opta por utilizar a conjunção adversativa “mas” para apresentar logo em seguida que “foi superado”, utilizando o pretérito perfeito do indicativo para afirmar a ação, além do interdiscurso da união familiar. Ademais, é silenciado qual foi ou quais foram os conflitos, quais as pessoas estavam envolvidas, como ocorreram, de que maneira foram superados e por quem foram superados. O caso da entrevistada 01, que ocupa uma posição de poder no negócio, faz com que o percurso semântico mostre a resolução de conflitos como estratégia de manutenção da família e do negócio. Esse silenciamento sobre os conflitos, com base em Certeau (1998), Cantoral-Cantoral (2016) e Araújo et al. (2017), permite o considerarmos como estratégia discursiva de manutenção das relações família-negócio.

(09) [Gera conflito] sempre [...]. [É] que na verdade eu tenho mais estudo que ela [entrevistada 6], acho que ela tem primeiro grau só e por isso as coisas burocráticas de preço e banco sobram tudo para mim. Compras [também] ela não sabe muito andar em Belo Horizonte, aí praticamente ela só atende aqui (E5).

(10) Sempre deixo para lá tem coisa, sabe! Fico mais na minha, já minha irmã já estoura, aí eu falo com ela “tem que ter calma que não sei o que” porque né, o cliente está sempre certo (E6).

Os conflitos recorrentes são concretizados pela entrevistada por meio do advérbio de tempo “sempre”, utilizando do interdiscurso da educação formal como estratégia de deslegitimação de sua irmã em eventuais divergências. O personagem Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, legitima o argumento de que a irmã não conseguiria realizar as compras do comércio nem realizar atividades operacionais que dependam de maior conhecimento, sendo mais uma estratégia para silenciar as interferências da irmã no cotidiano do negócio. A entrevistada ainda afirma realizar as atividades burocráticas do negócio, silenciando o motivo pelo qual não é realizada a transmissão do conhecimento ou o motivo da inexistência de repasses de outras atividades operacionais para a irmã. Assim sendo, podemos caracterizar como estratégia a não transmissão do conhecimento, visando manter a influência nas atividades da empresa, convergindo com o que afirmaram Certeau (1998), Rodrigues et al. (2017), Marins e Ipiranga (2017) e Carrieri et al. (2018) sobre a busca dos sujeitos de poder, por meio das estratégias, para manutenção da relação de dominação.

O discurso explícito pela entrevistada 05 no fragmento “praticamente ela só atende aqui”, aparece no argumento discursivo de sua irmã, fragmento 10, ao legitimar as ações do negócio do ponto de vista do cliente. É utilizado o percurso semântico da centralidade das atividades e da sobreposição da opinião dos consumidores no trecho “cliente está sempre certo”, como uma estratégia argumentativa em que o personagem cliente legitima as ações que devem ser tomadas dentro do negócio. Logo, a entrevistada 06 utiliza a situação como uma tática para combater as ações de sua irmã no fragmento em que utiliza a personagem “irmã” e a metáfora “estoura”.

Sendo o elo mais fraco da relação, a entrevistada 06 decide utilizar a tática de não se envolver, colocado pelo fragmento “sempre deixo para lá tem coisa, sabe! Fico mais na minha”, mas que ao mesmo tempo, lhe confere legitimidade para dar conselhos, como no fragmento “falo com ela ‘tem que ter calma’”. Isso se converge com as considerações de Gouvêa e Ichikawa (2015), Carrieri et al. (2018) e Gouvêa et al. (2018) de que as táticas ocorrem no espaço que é de controle do outro, que possui maior poder na relação. Dessa

forma, aproveitar ocasiões, como no caso do aconselhamento, se revela como modo de aproveitar ocasiões para fazer valer sua opinião.

(11) Quando a gente começa a mexer assim igual a gente começou a mexer dentro de casa, acaba que você também vai observando e vai também tendo aquela influência de mexer, de estar ali ajudando, e ali eles também passam a gostar né, porque está tudo junto ali. Ai nisso acaba que vai gostando, gostando. A vantagem de você mexer em família é porque quando a gente morrer os filhos já estão por dentro, aí eles não deixam parar e continuam fazendo continuam ali, progredindo no que a gente deixou (E7).

(12) Não tenho vontade de continuar, não é uma coisa que eu quero seguir. Sei lá, não gosto daqui, eu fiz isso a vida toda. Eu quero outra coisa, quero algo diferente, estou até fazendo o curso de Administração, eu não quero continuar aqui [...] eu estou aqui acho que por causa de necessidade (E9).

No negócio D, os conflitos aparecem pela expectativa do entrevistado 07 de que os filhos assumam o negócio. O pai e gestor utiliza no fragmento 11 o percurso semântico da herança. A realização da atividade ocorre no ambiente familiar, explícito no fragmento “dentro de casa”. Outra estratégia utilizada pelo pai é o tema de união em torno do negócio, destacado pelos lexemas “ajudando” e pela expressão “tudo junto ali”. No entanto, o fragmento “passam a gostar” indica, por meio do verbo “passar” no presente do indicativo, indicando um processo, apresentando de maneira implícita a existência de conflitos. Por fim, o patriarca finaliza com a real intenção em seu discurso: a perpetuação do negócio em sua família, explícito no fragmento “quando a gente morrer os filhos já estão por dentro”, mas silenciando sobre o interesse dos filhos na manutenção.

O fragmento 12 deixa explícito o desinteresse da filha do entrevistado 07 na manutenção do negócio na expressão “não tenho vontade de continuar, não é uma coisa que eu quero seguir”. Isso explicita a existência de conflitos entre as gerações, tendo em vista que o pai espera a continuidade e perpetuação do trabalho. Com base em nossas anotações do diário de campo, constatamos que ao fazer tal afirmação, a entrevistada se mostrou inquieta, olhando para trás para confirmar se não possuía nenhum membro da família próximo, já que a entrevista foi realizada no espaço físico do negócio D. Desta maneira, a entrevistada demonstrou aparente preocupação com a declaração e uma suposta repercussão em sua família. O interdiscurso presente é o da educação formal como àquela que possibilita novas fontes de renda, utilizando a figura do curso de Administração como estratégia argumentativa. Ao ser questionada os motivos que a faz afastar do negócio, a entrevistada 09 ainda relata:

(13) A gente vê que ele [entrevistado 07] está fazendo os trem errado, tenta ajudar mas ele não aceita opinião. Então tudo tem que ser do jeito dele, ele não gosta de escutar a opinião de ninguém. [...] quando eu falo "pai, tá errado não faz isso não"

ele já começa a xingar. Eu acho que se fosse outra pessoa trabalhando sem ser eu como filha, ele não ia tratar a outra pessoa como me trata então ele já fala os trem "ah é filha mesmo então tá de boa", eu acho que se fosse outra funcionária ele não ia tratar desse jeito, então isso é meio ruim, o jeito de relacionar (E9).

A filha do entrevistado 07 deixa explícito no fragmento 13 que, apesar do pai se dizer encorajador dos filhos ao negócio, é exatamente a falta de diálogo que a afasta do negócio ao dizer “ele não gosta de escutar a opinião de ninguém”. O desinteresse na comunicação é uma estratégia do pai para que os filhos, trabalhadores, apenas executem as tarefas. E por parte dos filhos, há anseio pelo afastamento nos negócios não dito abertamente na família, se apresentando implicitamente como tática para manutenção do negócio. A entrevistada 09 ainda deixa implícita a vontade de ter sua opinião considerada nas decisões relacionadas ao negócio, o que faz considerarmos que a participação e aprendizado dos filhos no negócio são estimuladas, desde que, seja da maneira e forma com que o pai ambiciona. O mesmo conflito aparece no discurso da entrevistada 8, esposa do entrevistado 07:

(14) Eu não gosto de me envolver porque eu gosto das minhas coisas certinhas. Eu não estou falando que as dele não são certinhas [...], mas as nossas opiniões sempre não batem, entendeu! Talvez eu fale X, ele fala alguma coisa e aí acaba que para não entrar em conflito eu e ele, eu preferi assim, me manter mais afastada só mesmo na emergência que eu venho e ajudo, entendeu! Aí é por isso. É que muitas das vezes eu falo “não” ele fala “sim”, eu falo “sim” ele fala “não” [...] talvez eu dou uma opinião minha opinião para ele, talvez não tem, tem umas que tem, tem outras que não. Então se eu dou uma opinião, a minha opinião não tem sentido para ele, então é por isso que eu não gosto de opinar. Aí eu começo a estressar começo, a falar palavras talvez pode até ofender então é melhor eu me afastar entendeu (E8).

A divergência de opinião é tornada explícita no enunciado da entrevistada 08, deixando implícito a angústia de não ter a opinião considerada na direção dos negócios, e por isso, é utilizada a tática do afastamento para evitar discussões aprofundadas, destacado pelos lexemas que dariam uma sequência aos fatos que possam ocorrer caso exista envolvimento como “estressar” e “ofender”. A análise do implícito no enunciado é de que já houve alguma tentativa de administração conjunta nos negócios e que possam haver ocorrido conflitos, atrelados à vida familiar e que levaram ao afastamento da esposa do negócio, reforçado ao dizer “as nossas opiniões sempre não batem”. Por mais que a entrevistada 08 faça parte da rotina do negócio, ela se utiliza da tática do afastamento para que, possíveis opiniões na manutenção do negócio possam ser legitimadas como alguém que “de fora”, que não faz parte dos processos e por isso poderia perceber melhor as incongruências do que se estivesse dentro. Isso faria com que o esposo gestor do negócio, considerasse sua opinião.



## 5 Considerações Finais

Tendo como objetivo analisar as táticas e estratégias cotidianas para criação e manutenção de pequenos negócios em um bairro de Matozinhos, Minas Gerais, esse trabalho apresentou noções de práticas cotidianas a partir da concepção de Certeau (1998). Acreditamos na pertinência de pesquisar cidades à margem de grandes centros bem como as práticas cotidianas desses locais que historicamente são desconsiderados pelas estruturas formais de conhecimento na Administração a partir das contrições de autores como Carrieri et al. (2016). Nesse sentido, buscamos ampliar as visões acerca da gestão, partindo da vivência cotidiana como objeto de pesquisa, sobrelevando saberes “menores”, desconsiderados pelos olhares da “grande” história.

O estudo do cotidiano de cidades como Matozinhos, ofuscadas pelas atividades dos grandes centros, pode contribuir para a ampliação da compreensão de saberes locais, que possuem dinâmicas próprias de trabalho, consumo, gestão, administração e negócios. Para isso, Ojima et al. (2010) nos embasaram no que tange ao distanciamento da concepção que trata as cidades próximas às capitais como simples dormitórios e nos possibilitou a reflexão sobre as atividades heterogêneas e plurais que nelas ocorrem.

As práticas cotidianas de sujeitos membros de uma mesma família em cada um dos cinco pequenos negócios objetos deste trabalho, motivaram nossa reflexão de tal maneira que consideramos as condições sociais que os discursos foram produzidos a partir da narrativa das histórias e trajetórias pessoais dos sujeitos entrevistados, além das histórias de surgimento e manutenção dos negócios, bem como suas atividades e suas práticas em torno da gestão. Este estudo propiciou ainda reflexionar sobre as ações de sujeitos práticos, que produzem conhecimentos marginalizados que fogem de concepções hegemônicas dos estudos da Administração e nos incentivou a destacar formas alternativas de conceber a gestão.

Para tanto, partimos do cotidiano como lugar que possui dinamismo e inúmeras possibilidades, com distintos modos de fazer que possibilitam a frequente reinvenção por sujeitos de menor poder nas relações (Certeau, 1998; Cantoral-Cantoral, 2016; Araújo et al., 2017). Enfatizar as ações produzidas no cotidiano pelos sujeitos, como feito por nós neste trabalho, é uma reação à história única e às perspectivas hegemônicas, agregando para a Administração (acadêmica e empresarial) novas visões em torno da existência de diversos modos de fazer, de gerir, de administrar e de pensar os negócios.

O trabalho seguiu a proposta de Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005), se caracterizando como um estudo multicasos que utilizou como técnica de coleta de dados as

entrevistas semiestruturadas, a observação não-participante, além das anotações em diário de campo. Para análise, consideramos a técnica de Análise Linguística do Discurso e debruçamo-nos sobre os seguintes percursos semânticos: os diversos inícios nos/dos negócios e os conflitos na manutenção dos negócios. Como vimos, os negócios analisados possuem modos diversos de conceber as diversas ações, práticas, que não buscam congruências com saberes formais.

Os processos de surgimento dos pequenos negócios analisados apresentaram, em todos eles, influência de vínculos afetivos e familiares, ou seja, pautados pelos relacionamentos estabelecidos. As práticas cotidianas são envoltas por táticas pautadas nas experiências dos entrevistados, não existindo influência da educação formal nessa constituição. Além disso, os entrevistados consideram o acaso, a sorte e a religião na criação do negócio próprio, com oportunidades que emergiram sem qualquer tipo de planejamento, indo de encontro ao conhecimento tradicional disseminado na Administração. Isso evidencia o processo de táticas cotidianas, para aproveitar pequenas oportunidades astuciosas, silenciosas e perspicazes como pontuou Certeau (1998).

Ao tratar do processo de manutenção dos negócios analisados, os resultados apresentam a existência de conflitos entre os membros das famílias de cada negócio, superados pelo interdiscurso da união familiar, estimulado principalmente pelos sujeitos de maior poder na relação. Ou seja, os laços afetivos se apresentam como estratégias do interdiscurso na manutenção dos negócios, já que o discurso explícito é que famílias e negócios não se misturam.

Afirmamos a relevância deste trabalho ao fomentarmos a ruptura com saberes hegemônicos para compreendermos as infinitas possibilidades de criar, inventar, reinventar, estabelecer e restabelecer incompatibilidades que fogem do planejamento organizacional. Apesar do cotidiano ser o lugar que permite as diversas subversões táticas, foi possível neste trabalho observar as diversas práticas estratégicas que as instâncias de poder se fazem valer de suas determinações, buscando a todo tempo a manutenção da ordem e do *status quo*.

Expomos as diversas formas com que os sujeitos se utilizam de estratégias e práticas cotidianas, subversivas ou mantenedoras de posição. Assumimos aqui que os dados coletados por meio de nossas entrevistas se caracterizam como práticas cotidianas, diversas, inúmeras e que este trabalho não contempla. Desta maneira, assumimos a interferência de nós pesquisadores no processo, tendo em vista nossa posição epistemológica que nega qualquer tipo de neutralidade. Nossas escolhas por evidenciar umas histórias, ao mesmo tempo que

consequentemente silenciemos outras, se distanciam da busca pela definição do que é ou deve ser uma prática cotidiana. Com isso, conhecemos a existência de todas elas, inclusive as por nós não percebidas, e que caracterizam o cotidiano como uma arena de infindas possibilidades.

Por fim, o é relevante no sentido de discutir, refletir e problematizar questões acerca de práticas em uma cidade ofuscada pelas atividades da capital Belo Horizonte e que é muitas das vezes invisibilizada, similar aos sujeitos aqui pesquisados. Além disso, buscamos nesta pesquisa fomentar as discussões acerca do cotidiano nos Estudos Organizacionais, de tal maneira que se possa ampliar as discussões acerca de saberes deslegitimados no campo da Administração. Com isso, é pertinente ampliarmos os estudos do cotidiano em pequenos negócios não familiares, as estratégias e táticas de manutenção dos sujeitos em outras cidades e bairros periféricos, buscando evidenciar as abundantes práticas de gestão vividas.

## Referências

- Alvesson, M. & Kärreman, D. (2011). Decolonializing discourse: Critical reflections on organizational discourse analysis. *Human relations*, 64(9), 1121-1146.
- Araújo, M. T., Velloso, I. S. C., Carrieri, A. P., & Alves, M. (2017). Non-human actors in the everyday practices of the mobile emergency care service. *Bioscience Journal*, 33(6), 1659-1665.
- Barros, A., & Carrieri, A. P. (2015). O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. *Revista de Administração de Empresas*, 55(2), 151-161.
- Benjamin, W. (1987) Teses sobre a história. In: Benjamin, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. (3a ed., p.222-232). São Paulo: Brasiliense.
- Bittencourt, M. I. G. F. (2012). Michel De Certeau 25 anos depois: atualidade de suas contribuições para um olhar sobre a criatividade dos consumidores. *Polêm!ca*, 11(2), 185-192.
- Bretas, P. F. F., & Carrieri, A. P. (2017). Uma breve reflexão sobre epistemologias, teorias e métodos da prática social da resistência. *Espacios*, 38(27), 6-20.
- Cabana, R. D. P. L., & Ichikawa, E. Y. (2017). As identidades fragmentadas no cotidiano da feira do produtor de Maringá. *Organizações & Sociedade*, 24(81), 285-304.
- Cantoral-Cantoral, G. (2016). Vida cotidiana: uso/ocupación del tiempo/espacio y reconfiguración identitaria de género en San Cristóbal de Las Casas, Chiapas. *Revista LiminaR*. 14(2), 70-84.
- Carrieri, A. P., Perdigão, D. A., & Aguiar, A. R. C. (2014). A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. *Revista de Administração*, 49(4), 698-713.

- Carrieri, A. P., Perdigão, D. A., Martins, P. G., & Aguiar, A. R. C. (2018). A Gestão Ordinária e suas práticas: o caso da Cafeteria Will Coffee. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 12, 1-13.
- Carrieri, A. P., Santos, J. V. P., Pereira, V. F., & Martins, T. S. (2016). Pesquisa histórica em Administração: a (re)construção identitária da galeria do ouvidor em Belo Horizonte (MG). *Revista de Ciências da Administração*, 18 (1), 9-22.
- Certeau, M. (1998). *A invenção do cotidiano I: as artes do fazer* (3a ed.). Petrópolis: Vozes.
- Costa, A. S. M. & Silva, M. A. C. (2019). A pesquisa histórica em Administração: uma proposta para práticas de pesquisas. *Revista Administração: Ensino e Pesquisa*, 20, 1-20.
- Del Priore, M. (1997). A história do cotidiano e da vida privada. In: Cardoso, C. F., & Vainfas, R.(orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia* (2a ed., p.259-274). Rio de Janeiro: Campus.
- Faria, A. A. M. & Linhares, P. T. F. S. (1993). O preço da passagem no discurso de uma empresa de ônibus. *Cadernos de Pesquisa*, 10, 32-38.
- González Rey, F. (2005). *Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo, Pioneira Thomson Learning.
- Gouvêa, J. B., & Ichikawa, E. Y. (2015). Micropráticas cotidianas: a voz silenciosa dos indivíduos em oposição ao formalmente estabelecido na gestão cooperativa? Uma Reflexão Teórica. *Perspectivas Contemporâneas*, 10(2), 92-107.
- Gouvêa, J. B., Cabana, R. D. P. & Ichikawa, E. Y. (2018). As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar ouvidos àqueles que o discurso hegemônico cala. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*. 5(12), 297-347.
- Joaquim, N.F. & Carrieri, A. P. (2018). Construção e desenvolvimento de projeto de História Oral em estudos sobre gestão. *Organizações & Sociedade*, 25(85), 303-319.
- Honorato, B. & Saraiva, L. A. S. (2017). Quando a casa é a marquise, o albergue, a rua: discursos e políticas sociais para pessoas em situação de rua em Belo Horizonte. *Administração Pública e Gestão Social*, 9(4), 244-253.
- Marins, S. R., & Ipiranga, A. S. R. (2017). O organizar ampliado de práticas cotidianas nos bairros da cidade. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 4(9), 148-204.
- Massagli, S. R. (2008). Homem da multidão e o *flâneur* no conto “O homem da multidão” de Edgar Allan Poe. *Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários*, 12(1), 55-65.
- Minayo, C. S. (2009). O desafio da pesquisa social. In Minayo, C. S (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade* (29a ed., p.9-29). Petrópolis: Vozes.

Ojima, R., Marandola, E., Jr., Pereira, R. H. M., & Silva, R. B. (2010). O estigma de morar longe da cidade: repensando o consenso sobre as “cidades-dormitório” no Brasil. *Cadernos Metrópole*, 12(24), 395-415.

Rodrigues, F. S., Cassandre, M. P., & Ichikawa, E. Y. (2017). Discussing the choices of the change laboratory's participants: a look into the ordinary man. *Race - Revista De Administração, Contabilidade e Economia*, 16(3), 867-884.

Santos, J. V. P. & Carrieri, A. P. (2018). Estratégia como prática e organizações familiares: um estudo sobre as famílias e os negócios na galeria do ouvidor em Belo Horizonte (MG). *Revista de Administração da Unimep*, 16, 57-78.

Souza, M. M. P., & Carrieri, A. P. (2014). A análise do discurso em estudos organizacionais, In Souza, E. M. (org.). *Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórica-conceitual* (1a ed, p.13-40). Vitória: Edufes.

Thiollent, M. J. M. (1987). *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis.

Wanderley, S. & Barros, A. (2018). Decoloniality, geopolitics of knowledge and historic turn: towards a Latin American agenda. *Management & Organizational History*, 13, 1-19.

Zaccarelli, L. M. & Godoy, A. S. (2010). Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações. *Cadernos Ebape.BR*, 8,550-563.